

O difícil caminho dos independentes

ZUZA HOMEM DE MELLO

Ao mesmo tempo em que a Associação de Produtores Independentes de Discos, Apid, anuncia sua festa de premiação aos dez melhores discos produzidos no ano passado — o II Troféu Chiquinha Gonzaga —, os componentes do júri recebem, para sua escolha, um catálogo sob a forma de poster com 43 LPs concorrentes. Vê-se logo que é uma relação incompleta: não há, por exemplo, o disco do Nando Carneiro na etiqueta Carmo de Egberto Gismonti, embora o de seu companheiro André Gerassati lá esteja.

Esse é um dos obstáculos que terá o interessado em adquirir ou avaliar os discos independentes mais recentes. Quais discos satram? Há discos que têm recebido elogiosos comentários ("O Malabarista", de Marcos Ariel, ou "Tamba", de Pascoal Meireles), mas que nem sempre chegam às mãos de toda a crônica especializada. Como um comprador vai saber deles para adquiri-los?

Nestes dias o crítico recebeu pelo correio, enviado pelos próprios artistas, dois discos desse catálogo: a interessante estréia do rondoniano Rui de Carvalho, em seu "Enfieta", e o estardalhaçante "Cadáver Pega Fogo Durante o Velório", primeiro disco do compositor, tipo jornal de crime, Fernando Pellon.

Por outro lado, Alaíde Costa, que atuou recentemente duas semanas no ambicionado "150" do Maksoud Plaza, trouxe consigo e vendeu diversos discos seus aos que foram vê-la. Discos que, aliás, eram reclamados pelos fãs paulistas da grande cantora, pois o LP "Águas Vivas" não chegou às maiores lojas de São Paulo.

Assim, vivendo sempre com grande

dificuldade, coragem e muito trabalho, estão os artistas de discos independentes no Brasil. Numa situação idêntica à de outros países onde esses caminhos subterrâneos levam a futuras raridades de alta qualidade em alguns casos, mas também demonstram que cantores ou compositores ou até músicos têm apenas impulsos de satisfazer um desejo — lícito, é certo —, mas ainda muito prematuro para o estágio em que se encontram. Veja-se, por exemplo, o LP intitulado pomposamente "Obras de Marcelo Tupynambá", com composições do renomado compositor de Tietê. Seu intérprete, o jovem e sorridente pianista Marcelo Guelfi, estava francamente na fase de principiante quando gravou esse disco no ano passado. Um capricho seu, que nada acrescentou à discografia dos independentes nem satisfaz, mesmo que parcialmente, aos interessados na obra de Marcelo Tupynambá.

Contrastes como esses, o angustioso onde se misturam Alaíde Costa, Nivaldo Ornelas ou o pioneiro Antônio Adolfo com compositores e cantores incipientes, são um retrato vivo do disco independente. Uma situação que não será alterada em tempo algum: enquanto houver disco independente, ela persistirá pela própria proposta de abertura democrática a todos, seja quem for. Basta pagar.

Mas, se pagar é, afinal de contas, mais fácil que ser um bom músico, para o disco a fase mais trabalhosa é justamente depois de ele estar pronto, quando o artista julga que atingiu seu objetivo e vibra com o disco nas mãos. Daí para a frente, se nada mais for feito, tudo será praticamente inútil e o capricho merecerá inteiramente o significado da palavra.

Essa é provavelmente a razão mais forte para os trabalhos independentes

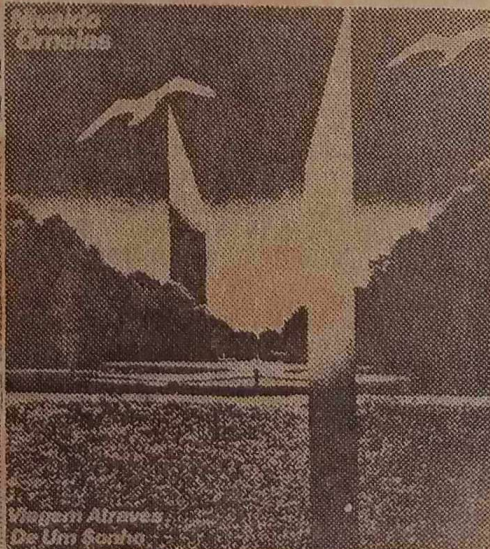
se limitarem, como na maioria dos casos, a um disco de cada artista. Os que partem para a segunda ou terceira proposta, como o violonista Carioca, a cantora Aline, Ithamar Assumpção ou o compositor Francisco Mário, estão de fato conscientes de sua condição de artistas independentes; até que surja alguma gravadora, encorajada a encampar sua carreira, como aconteceu com o Grupo Boca Livre, e mais recentemente com Arrigo Barnabé. Pois, embora esses dois contratos possam parecer um ato de traição à causa, ele é o caminho inevitável para chegar a uma determinada condição. É a única forma de levar o produto final às mãos de todos que o desejam.

Por essa razão, a política já adotada no Brasil por alguns artistas, de entregarem um produto pronto a uma gravadora que atue como agente comercial e distribuidor, é uma solução viável. Ou então a associação de uma produtora com gravadora, como estão fazendo o pessoal do Lira Paulistana e a gravadora Continental. Mas, para que se avalie como é complexo o domínio de uma boa distribuição, basta citar o exemplo de um dos mais elogiados trabalhos na área de samba do ano passado, o LP do compositor Nei Lopes, exatamente neste esquema, que não chegou a muitas rádios. Quer dizer, numa situação difícil como a atual, em relação à programação das rádios (sem comentários, por favor), nem mesmo o primeiro passo foi dado.

O disco independente deve continuar a ser o que é: uma louvável forma inicial de um artista começar seu trabalho. Um meio mais amplo de ele despertar interesse sobre sua produção. E também um registro dessa produção. Para depois continuar independente com sua arte, que é o que muitos deixaram de ser.



Alaíde Costa canta
Hermínio Bello de Carvalho



Viagem Através
De Um Sonho

"Águas Vivas", de Alaíde Costa, assim como "Viagem através de um Sonho", de Nivaldo Ornelas, são dois exemplos de LPs de produção independente muito elogiados pela crítica, mas que esbarram no problema da comercialização e distribuição. Um entrave que já começa a ser superado por artistas e pelas próprias gravadoras.